

nove príncipes de âmbar

roger zelazny

Tradução de José Saraiva



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

NOVE PRÍNCIPES DE ÂMBAR



LIVRO UM



CAPÍTULO UM

E stava a terminar, depois do que me parecera a maior parte da eternidade.

Tentei mexer os dedos dos pés, e consegui. Ali estava eu, deitado numa cama de hospital, as pernas engessadas, mas pelo menos ainda eram minhas.

Fechei os olhos com força e abri-os, três vezes.

O quarto começou a tornar-se mais nítido.

Onde diabo estava eu?

As névoas começaram por fim a desvanecer-se, e algo daquilo a que chamamos memória ensaiou um regresso à minha mente. Recordei noites, e enfermeiras, e agulhas. De cada vez que as coisas tinham começado a clarear, alguém chegara ao pé de mim e injetara-me uma coisa qualquer. Fora assim. Sim. Mas agora já me sentia um bom bocado melhor. Eles tinham que parar de fazer isso.

Ou não?

O pensamento surgiu de repente para me assombrar: *Talvez não.*

Irrompeu em mim um ceticismo inato quanto à pureza dos motivos humanos, e instalou-se no meu peito. Percebi de repente que tinha sido mantido sob uma forte sedação. Sem qualquer razão, a julgar pelo estado em que me sentia, e sem qualquer motivo para que

a situação se alterasse, se alguém estava a ser pago para a prolongar. Portanto, o melhor era disfarçar e fingir-me ainda drogado, aconselhou uma voz que representava o que havia em mim de pior, mas simultaneamente de mais arguto.

E assim fiz.

Uns dez minutos depois, uma enfermeira veio espreitar à porta, e deu comigo ainda a risonar, claro. Desapareceu.

Nessa altura já tinha conseguido reconstituir um pouco do que me sucedera.

Lembrava-me vagamente de que tinha estado envolvido nalgum tipo de acidente. O que sucedera depois disso ainda era indistinto; e quanto ao que ocorrera antes, não fazia a mínima ideia. Mas tinha estado num hospital, antes de ter sido trazido para este lugar, disso recordava-me. Porquê? Não sabia.

Contudo, as minhas pernas pareciam estar em condições. O suficiente para me aguentar de pé, embora não soubesse quanto tempo tinha passado desde que as fraturara — e disso também estava certo: tinha ficado com ambas as pernas partidas.

Portanto, sentei-me. Foi um esforço sério, já que tinha os músculos completamente derreados. Lá fora estava escuro e, através da janela, avistei um punhado de estrelas a cintilar. Pisquei-lhes o olho à laia de resposta, e lancei as pernas por cima da borda da cama.

Senti-me tonto, mas daí a pouco a sensação desvaneceu-se; levantei-me, agarrado à armação metálica da cabeceira da cama, e aventurei-me a dar um primeiro passo.

Perfeito. As pernas aguentaram o meu peso.

Estava portanto em condições de sair dali, pelo menos em teoria.

Voltei para a cama, estiquei-me sobre ela e pus-me a pensar. Estava a suar e a tremer. Na minha mente passavam as palavras de uma canção popular: *visions of sugarplums*¹, etc.

No reino da Dinamarca pairava o odor da decomposição...

Fora um acidente em que estivera envolvido um automóvel, recordei. E fora uma coisa em grande...

¹ Do poema original de Clement Clarke Moore "A Visit from St. Nicholas". (N. de T.)

Nesse momento a porta abriu-se e deixou entrar luz, e por entre as pestanas quase cerradas avistei uma enfermeira com uma seringa na mão.

Dirigiu-se à minha cabeceira, uma miúda com ar de hippie, de cabelo escuro e braços grossos.

Quando ela se aproximou, sentei-me na cama.

— Boa-noite — anunciei, de chofre.

— Que...? Boa-noite — respondeu ela.

— Quando é que vou ter alta? — indaguei.

— Tenho que perguntar ao doutor.

— Faça isso, sim — pedi.

— Arregace a manga, se faz favor.

— Não, obrigado.

— Tenho que lhe dar uma injeção.

— Não, não tem. Não preciso dela.

— Lamento, mas isso compete ao doutor determinar.

— Então ele que venha cá e que mo diga pessoalmente. Até lá, porém, não vou levar com essa coisa.

— Desculpe, mas tenho as minhas ordens.

— Também o Eichmann as tinha, e veja aonde isso o levou — e abanei a cabeça, devagar.

— Muito bem — ripostou ela — terei que notificar o responsável acerca desta situação...

— Faça o favor — disse eu — e, já agora, diga-lhe que resolvi sair daqui amanhã, pela manhã.

— Impossível. Nem sequer consegue andar, e houve danos internos...

— Veremos — disse eu. — Boa-noite.

Ela esgueirou-se para fora do quarto sem mais uma palavra.

E ali fiquei eu, a matutar. Ao que me parecia, estava nalguma instituição privada — portanto, alguém estaria a pagar por tudo aquilo. Quem é que eu conhecia? Por trás dos meus olhos não surgiu qualquer imagem de parentes chegados. Ou de amigos. O que sobrava? Inimigos?

Pensei mais um bocado.

Nada.

Ninguém que fosse capaz de cuidar de mim daquela maneira.

De repente, veio-me à ideia a lembrança: seguia no meu carro quando saí da estrada, caí numa ribanceira e mergulhei num lago. E isso era tudo de que me recordava.

Eu era...

Esforcei-me, e recomecei a suar.

Não sabia quem era.

Para me ocupar, sentei-me na cama e removi todas as ligaduras. Por baixo delas parecia estar tudo bem, e deu-me a ideia de que era o que havia a fazer. Parti o gesso da perna direita com uma peça de metal que tirei da cabeceira da cama. De repente senti que tinha de sair dali depressa, que havia uma coisa qualquer que tinha de fazer.

Experimentei a perna direita. Tudo bem.

Quebrei o gesso da outra perna, levantei-me e fui até ao armário.

Lá dentro não havia quaisquer roupas.

Nessa altura, ouvi passos. Voltei para a cama e tapei o gesso partido e as ligaduras soltas.

A porta abriu-se outra vez.

A luz inundou o quarto, e lá estava um tipo forte, de uniforme branco, com a mão no interruptor da parede.

— Que história foi essa que me contaram, que deu que fazer à enfermeira? — indagou, e já não havia maneira de eu fingir que ainda estava a dormir.

— Não faço ideia — respondi. — Como é?

A minha resposta pareceu confundi-lo por um ou dois segundos, e ele franziu o sobrolho antes de continuar.

— É hora da pica.

— Você é médico? — indaguei.

— Não, mas tenho permissão para lhe dar a injeção.

— Que eu recuso — insisti — como é meu direito legal. O que é que isso lhe interessa?

— Vai levar a injeção — anunciou ele, enquanto se deslocava

para o lado esquerdo da cama. Tinha na mão uma seringa, que até ali estivera escondida.

Apliquei-lhe um golpe realmente baixo, diria que uns centímetros abaixo da fivela do cinto, que o deixou de joelhos.

— *****! — soltou ele, ao fim de uns momentos.

— Aproxime-se outra vez — avisei — e logo vê o que lhe acontece.

— Temos formas de lidar com pacientes do seu género — disse ele, ainda meio engasgado.

Portanto, percebi, tinha chegado o momento de agir.

— Onde estão as minhas roupas? — indaguei.

— *****! — repetiu.

— Nesse caso, parece-me que terei que ficar com as suas. Passe-mas para cá.

Ao fim de três repetições, a coisa tornou-se chata, pelo que lhe atirei a roupa da cama para cima da cabeça e lhe apliquei uma valente cacetada com a peça metálica.

Dois minutos depois, diria, lá estava eu todo ataviado na cor da Moby Dick e do gelado de baunilha. Horrível.

Enfiei-o no armário e espreitei pela janela. Vi uma lua nova a pairar sobre uma fileira de choupos. A relva tinha um ar prateado e cintilante. A noite tentava ainda manter à distância o Sol, que se aproximava a cada momento. Mas nada me indicava onde se situava aquele lugar. Parecia estar no terceiro andar do edifício, e conseguia avistar lá em baixo um quadrado de luz que se projetava à esquerda da minha posição, o que parecia indicar uma janela do primeiro andar num sítio onde alguém estaria acordado.

Saí do quarto e contemplei o corredor. À esquerda, este acabava contra uma parede com uma janela gradeada, e havia mais quatro portas, duas de cada lado. Provavelmente davam para quartos semelhantes ao meu. Fui espreitar à janela e avistei o terreno, mais árvores, mais noite, nada de novo. Virei-me e segui na outra direção.

Portas, portas, portas, nenhuma delas deixava passar qualquer luz por baixo, e o único som era o dos meus passos naqueles sapatos demasiado grandes para os meus pés.

O relógio de pulso do Bem-Disposto indicava-me que eram cinco e quarenta e quatro. Ao cinto, por baixo do casaco branco de ajudante, levava a peça metálica, que roçava contra os ossos da minha bacia quando eu andava. De seis em seis metros havia uma lâmpada no teto, a derramar uns quarenta watts de luz.

Cheguei a uma escadaria à direita. Desci. Estava alcatifada e era silenciosa.

O segundo andar parecia o meu, com filas de quartos, por isso prossegui na descida.

Quando cheguei ao primeiro andar, voltei para a direita, e tentei localizar uma porta por debaixo da qual passasse luz.

Encontrei-a, quase ao fundo do corredor, e não me dei ao trabalho de bater.

O tipo estava sentado, de robe colorido, à frente de uma grande secretária brilhante, debruçado sobre um dossiê com documentos. Aquilo não era um quarto de enfermaria. Olhou para mim com os olhos brilhantes e arregalados, e os lábios a formarem um grito que não chegou a sair, talvez por causa da minha expressão determinada. Levantou-se num gesto rápido.

Fechei a porta nas minhas costas, avancei e afirmei:

— Bom-dia. Está metido em sarilhos.

Parece que as pessoas nunca conseguem ignorar uma tal possibilidade; depois dos três segundos que me levou a atravessar o quarto, a resposta dele foi:

— O que é que quer dizer?

— Quero dizer — prossegui — que está a ponto de ser processado por me manter incomunicável, e de levar com outro processo por negligência médica, dado o uso indiscriminado de narcóticos na minha pessoa. Já sinto alguns dos sinais de abstinência, e posso até ser capaz de cometer algum gesto violento...

Levantou-se.

— Saia — exigiu.

Notei o maço de cigarros na mesa. Peguei num e avisei:

— Sente-se e cale-se. Temos muito a discutir.

Ele sentou-se, mas não se calou.

— Está a infringir várias regras — notou.
— Está bem, o tribunal decidirá as responsabilidades de cada um — retorqui. — Quero as minhas roupas e os meus pertences. Vou sair.

— Não está em condições...

— Ninguém lhe pediu opinião. Resolva o assunto agora, ou terá que responder perante a lei.

Fez menção de carregar num botão na secretária, mas dei-lhe uma palmada para lhe afastar a mão.

— Quietos! — repeti. — Devia ter carregado no botão quando eu entrei. Agora é tarde de mais.

— Sr. Corey, está a ser muito difícil...

Corey?

— Gaita, não fui eu que me meti aqui — afirmei — mas tenho por certo o direito de sair quando quiser. Ou seja, agora. Portanto, vamos tratar disso.

— É óbvio que não está em condições de deixar esta instituição — ripostou. — Não o posso permitir. Vou chamar alguém para o levar de volta ao quarto e o meter na cama.

— Nem tente — avisei — a não ser que queira descobrir em que condições estou eu realmente. Tenho várias questões. A primeira: quem é que me meteu aqui, e quem é que paga a conta?

— Muito bem. — Suspirou, e o minúsculo bigode que ostentava pareceu perder a firmeza.

Abriu uma gaveta e meteu a mão lá dentro, o que me deixou de pé atrás.

Apanhei-lhe a mão antes que ele soltasse a patilha do travão: era um *Colt* calibre 32, automático, muito elegante. Eu mesmo soltei a segurança quando peguei nele e lho apontei, enquanto avisava:

— Vai responder às minhas perguntas. Parece-me evidente que me considera perigoso. Provavelmente tem razão.

Ele lançou um sorriso fraco e acendeu um cigarro; se pretendia mostrar-se impassível, foi um erro. As mãos tremiam-lhe.

— Muito bem, Corey, se isso o faz feliz — adiantou — foi a sua irmã quem o trouxe.

Um grande ponto de interrogação passou-me pela mente.

— Qual irmã? — indaguei.

— A Evelyn — foi a resposta.

O nome não fez ressoar qualquer memória. Portanto, continuei:

— Ridículo. Há anos que não vejo a Evelyn — disse. — Ela nem sequer sabia que eu andava por estas bandas.

Ele encolheu os ombros perante o meu comentário.

— Ainda assim...

— Onde está ela agora? Quero falar com ela — exigi.

— Não tenho o endereço aqui à mão.

— Procure-o.

Levantou-se, dirigiu-se a um arquivador, abriu uma gaveta, remexeu por lá e extraiu uma ficha.

Estudei-a. *Sra. Evelyn Flaumel*... O endereço de Nova Iorque também nada tinha de familiar, mas fixei-o na memória. Segundo aquela ficha, o meu primeiro nome era Carl. Bom. Mais dados.

Enfiei a arma no cinto ao lado da peça metálica, com a patilha de segurança fechada, claro.

— Muito bem — disse. — Onde estão as minhas roupas, e quanto é que me vai pagar?

— As suas roupas foram destruídas no acidente — ripostou — e devo dizer-lhe que as suas pernas ficaram mesmo partidas, a esquerda em dois pontos, aliás. Com toda a franqueza, nem percebo como é que se consegue manter de pé. Só se passaram duas semanas...

— Eu recomponho-me depressa — fiz notar. — Agora, quanto ao dinheiro...

— Qual dinheiro?

— O referente ao acordo extrajudicial por causa da minha queixa por negligência médica, e pelo outro assunto.

— Não seja ridículo!

— Quem é que está a ser ridículo? Aceito uns mil, em notas, agora mesmo.

— Nem sequer vou discutir isso.

— Bom, faria melhor em pensar nisso. E, quer ganhe ou perca, pense bem na reputação que este lugar vai ter se eu conseguir fazer bastante barulho antes do julgamento. Não me esquecerei de falar com a Ordem dos Médicos, nem com os jornais, nem...

— Isso é chantagem — concluiu ele — e não quero ter nada a ver com isso.

— É pagar agora, ou mais tarde, depois da sentença — avisei.
— Pouco me importa. Mas assim sairá mais barato.

Se ele cedesse, teria a confirmação de que o meu palpite estava certo e de que havia ali qualquer coisa de estranho.

Ele fez cara de poucos amigos e encarou-me durante um longo período.

Por fim:

— Não tenho mil aqui à mão — fez notar.

— Aceito qualquer montante razoável — contrapus.

Outra pausa.

— É uma extorsão.

— Nada disso, Charlie, é só uma transação rápida. Vá, diga lá.

— Talvez tenha uns quinhentos no cofre.

— Abra-o.

Depois de inspecionar o conteúdo de um pequeno cofre de parede, anunciou-me que tinha quatrocentos e trinta, e não me apeteceu deixar impressões digitais no cofre só para verificar a veracidade da afirmação. Portanto, aceitei, e enfié as notas no bolso.

— Bom, agora qual é a companhia de táxis mais próxima desta espelunca?

Ele avançou um nome e eu verifiquei na lista telefónica, o que me deu a informação de que estava no interior do estado.

Obriguei-o a marcar o número e chamar o táxi, já que desconhecia o nome daquele lugar e não queria que ele percebesse o estado em que estava a minha memória. Uma das ligaduras que eu tinha tirado era a que me rodeava a cabeça.

Enquanto ele dava as indicações, ouvi-o pronunciar o nome da clínica: era o Hospital Privado de Greenwood.

Apaguei o cigarro, peguei noutra e tirei para aí uns cem quilos

de peso de cima dos meus pés ao sentar-me num cadeirão castanho, ao lado duma estante.

— Vamos esperar aqui, e depois vai conduzir-me até à porta — avisei.

Não lhe ouvi nem mais uma palavra.



CAPÍTULO DOIS

Quando o táxi me deixou, numa esquina escolhida ao acaso na cidade mais próxima, eram já perto das oito da manhã. Paguei ao taxista e caminhei durante uns vinte minutos. Parei num café, sentei-me e pedi sumo, ovos, torradas, bacon e café — três chávenas dele. O bacon vinha oleoso.

Depois de gastar uma boa hora a tomar o pequeno-almoço, recomecei a andar; encontrei uma loja de roupa e esperei à porta até que abrisse, pelas nove e meia.

Comprei umas calças, três camisas, um cinto, roupa interior e um par de sapatos do meu número. Também levei um lenço, uma carteira e um pente de bolso.

Depois procurei a estação da Greyhound, e meti-me num autocarro para Nova Iorque. Ninguém tentou impedir-me. Não parecia haver ninguém à minha procura.

Sentado na camioneta, a ver a paisagem a desfilarm nas suas cores de outono, agitada pelo vento, debaixo de um céu limpo, brilhante e frio, rememorei tudo o que naquele momento sabia sobre mim e as circunstâncias que eram minhas.

Tinha sido internado em Greenwood sob o nome de Carl Corey, pela minha irmã, Evelyn Flaumel. Isto sucedera depois de um acidente de automóvel ocorrido havia cerca de quinze dias, no

qual sofrera algumas fraturas, cujas sequelas já tinha ultrapassado. Não me lembrava de ter nenhuma irmã chamada Evelyn. O pessoal de Greenwood tinha recebido instruções para me manter calmo; tinham mostrado algum receio da lei quando eu me libertara e os ameaçara com o recurso aos tribunais. Bom. Alguém tinha medo de mim, por razões desconhecidas. Tinha de aproveitar ao máximo esse facto.

Obriguei-me a pensar no acidente, e tentei revivê-lo até me começar a doer a cabeça. Não tinha sido nenhum acidente. Tinha essa impressão, embora não soubesse porquê. Havia de descobrir a verdade, e alguém havia de pagar por isso. E pagaria um preço elevado. Uma fúria, terrível, nasceu dentro de mim. Quem quer que tivesse tentado atingir-me ou usar-me, tinha-o feito por sua própria conta e risco, e estava a chegar a hora de receber o pagamento, fosse quem fosse o responsável. Senti um tremendo desejo de morte, de destruir quem estivera por trás daquilo, e percebi que não era a primeira vez na vida que experimentava tal desejo; compreendi também que no passado saciara esse apetite. E por mais de uma vez.

Olhei pela janela, vendo as folhas mortas a tombar.

Quando cheguei à cidade, a primeira coisa que fiz foi procurar um barbeiro, para fazer a barba e cortar o cabelo; a segunda foi trocar de camisola interior e camisa na casa de banho dos homens, porque detesto sentir cabelos a escorregar-me pelas costas. A automática que pertencera ao indivíduo sem nome de Greenwood estava ainda no bolso direito do meu casaco. Calculei que, se Greenwood ou a minha irmã me quisessem detido, uma violação à lei de posse de armas lhes daria uma boa ajuda. Mas resolvi na mesma ficar com ela. Primeiro teriam que me encontrar, e eu, por mim, também queria encontrar algo: um motivo para tudo aquilo. Comi um almoço rápido, passei uma hora a tomar metros e autocarros, e por fim apanhei um táxi para me levar ao endereço da Evelyn em Westchester, a casa da minha suposta irmã e auxiliar na recuperação de memórias.

Antes de lá chegar, já tinha decidido de que forma abordaria a questão.

Portanto, quando a porta da imensa e velha mansão se abriu em resposta às minhas batidas, depois de uma espera de uns trinta segundos, sabia perfeitamente o que ia dizer. Tinha pensado nisso enquanto percorria a longa e serpenteante estrada de gravilha branca entre carvalhos escuros e plátanos brilhantes, cujas folhas caídas esmagava debaixo dos meus pés, e o vento fresco se fazia sentir no meu pescoço escanhado, mal protegido pelo colarinho levantado do casaco. O cheiro a tónico capilar misturava-se com o aroma almiscarado das trepadeiras que cobriam as paredes do velho edifício de tijolo. Não sentia qualquer impressão de familiaridade. Não me parecia que alguma vez ali tivesse estado antes.

Tinha batido à porta, e tinha escutado o eco.

Depois metera as mãos nos bolsos e aguardara.

Quando a porta se abria, sorrira e acenara à criada com a cara cheia de marcas e um físico amplo, além da pronúncia de Porto Rico.

— Sim? — inquiriu ela.

— Queria falar com a Sra. Evelyn Flaumel, se faz favor.

— E quem devo anunciar?

— O irmão dela, o Carl.

— Oh, entre, por favor — convidou.

Entrei para um átrio; o chão era em mosaico de pequenos ladrilhos rosa-salmão e turquesa, a parede revestida a mogno, e um vaso comprido com coisas verdes de grandes folhas dividia o espaço, criando uma outra sala à minha esquerda. Do alto, um cubo de vidro e esmalte lançava uma luz amarelada.

A mulher desapareceu, e eu procurei em redor qualquer coisa que me fosse familiar.

Nada.

Portanto, esperei.

Pouco depois a criada voltou, lançou um sorriso, acenou e anunciou:

— Siga-me, por favor. Ela vai recebê-lo na biblioteca.

Fiz o que ela pedia; subi três lanços de escada e segui por um corredor, passando por duas portas fechadas. A terceira porta à

esquerda estava aberta, e a criada indicou-me com um gesto que devia entrar. Assim fiz, mas detive-me no umbral.

Como todas as bibliotecas, aquela estava repleta de livros. Também continha três quadros, dois de paisagens bucólicas e outro que mostrava um mar sereno. O soalho estava coberto por uma espessa alcatifa verde. Ao lado da enorme secretária havia um grande globo de onde a África me saudava, e, por trás, uma janela com oito painéis de vidro ocupava toda a parede. Mas nada disto tinha algo a ver com a razão que me fizera parar.

A mulher atrás da secretária envergava um vestido de decote largo em V, de um tom azul-esverdeado, tinha cabelo comprido e uma franja quase até aos olhos, com uma cor que parecia resultar de um cruzamento entre as nuvens ao pôr do sol e a auréola de uma vela a arder numa sala escura, e tudo natural, sabia eu de alguma forma; os olhos, por trás de uns óculos que não me pareciam ser necessários, eram tão azuis como o lago Erie às três da tarde num dia limpo de verão; e o tom do sorriso meio contrariado condizia com o do cabelo. Mas também nada disto fora a razão de me ter imobilizado.

Conhecia-a, de algures, embora não soubesse de onde.

Avancei, mantendo também o meu sorriso.

— Olá — saudei.

— Senta-te, por favor — respondeu ela, enquanto indicava um cadeirão de costas altas de cor laranja, inclinado no preciso ângulo em que eu mais apreciava repousar.

Fi-lo, enquanto ela me estudava.

— Fico feliz por te ver de novo a cirandar por aí.

— Eu também. Como tens passado?

— Bem, obrigada. Devo confessar que não esperava ver-te aqui.

— Eu sei — arrisquei — mas cá estou, para te agradecer pelos cuidados e atenções que me dedicaste. — Deixei que se introduzisse na resposta um traço de ironia, para poder observar a reação dela.

Nesse momento, um cão enorme — um pastor irlandês — en-

trou na sala, e foi refastelar-se à frente da secretária. Outro, igual, seguiu-o, dando duas voltas em redor do globo antes de se deitar.

— Bem — disse ela, devolvendo-me a ironia — era o mínimo que podia fazer por ti. Devias conduzir com mais cuidado.

— De futuro — ripostei — tomarei maiores precauções, prometo. — Não sabia bem que género de jogo estava a praticar, mas dado que ela também não sabia que eu não sabia, resolvi aproveitar para tentar sacar o máximo de informações que pudesse. — Calculei que estivesse preocupada com o meu estado, por isso resolvi vir visitar-te.

— Estava sim, ainda estou — replicou ela. — Já comeste?

— Um almoço rápido, há algumas horas — confessei.

Ela tocou para chamar a criada e pediu-lhe para trazer comida. Depois continuou.

— Calculei que saírias de Greenwood por tua alta recreação — disse — assim que estivesse capaz disso. Mas não imaginei que fosse tão depressa, e não supus que resolvesse vir ver-me logo a seguir.

— Foi o que eu pensei — disse eu — e foi mesmo por isso que vim cá.

Ela ofereceu-me um cigarro, que aceitei; acendi o dela, e depois o meu.

— Foste sempre imprevisível — disse ela por fim. — Embora isso te tenha ajudado no passado, se fosse a ti, não contaria com isso atualmente.

— O que é que queres dizer? — inquiri.

— As apostas estão demasiado altas para fazer *bluff*, e parece-me que é isso que estás a tentar, ao aparecer aqui desta maneira. Sempre admirei a tua coragem, Corwin, mas não sejas parvo. Sabes como são as coisas.

Corwin? Tinha que registar isso, no verbete “Corey”.

— Talvez não saiba — respondi. — Passei uns tempos a dormir, lembras-te?

— Isso quer dizer que não tens estado em contacto?

— Não tive ocasião para isso desde que despertei.